

China X Nordeste do Brasil: uma Qualificação das Transações Comerciais Bilaterais Recentes

RESUMO

Neste artigo, propõe-se examinar as especificidades das trocas comerciais entre a Região Nordeste do Brasil e a China. No contexto de forte crescimento da participação da China no comércio mundial, a corrente de comércio entre o Nordeste e esse país vem aumentando substancialmente. A análise do comércio externo da Região com a China, no período 2002-2007, permite constatar alguns resultados. Observa-se, primeiramente, que as exportações para a China, ao longo desses anos, registram movimentos cíclicos de desconcentração e reconcentração e as compras, o mesmo movimento no sentido inverso. Quando se classificam as trocas comerciais segundo a intensidade tecnológica, observa-se a ocorrência de déficits comerciais crescentes com a China nos setores de média-alta tecnologia, enquanto a Região é superavitária nos setores de média-baixa e baixa tecnologia. Finalmente, percebe-se que o comércio bilateral entre a China e a Região Nordeste favorece, predominantemente, o comércio intersetorial. Com relação às trocas intrassetoriais, predomina o comércio em sentido único sobre o comércio em sentido duplo.

PALAVRAS-CHAVE:

Comércio Exterior – Nordeste – China.

Maria Cristina Pereira de Melo

- Doutora em Economia pela Universidade de Paris
- Professora e Pesquisadora do Departamento de Teoria Econômica da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuárias da Universidade Federal do Ceará
- Membro do Grupo de Pesquisa Região, Indústria e Competitividade (RIC) da Universidade Federal do Ceará

Carlos Américo Leite Moreira

- Doutor em Economia pela Universidade de Paris
- Professor e Pesquisador do Departamento de Teoria Econômica da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuárias e do Mestrado em Logística e Pesquisa Operacional da Universidade Federal do Ceará
- Membro do Grupo de Pesquisa Região, Indústria e Competitividade (RIC) da Universidade Federal do Ceará

1 – INTRODUÇÃO

O comércio mundial cresceu de maneira significativa nos últimos anos. Em 2006, o crescimento atingiu 8%, enquanto o produto interno bruto mundial ficou em 3,5%. De acordo com a *Organisation Mondiale du Commerce* (2008), o Brasil registrou, nos últimos anos, trajetória ascendente no volume de comércio externo, sobretudo no que se refere às vendas, as quais cresceram anualmente 17% em média no período 2000-2005 – acima da média mundial (10%). De seu lado, as importações brasileiras aumentaram anualmente 6% para uma média mundial também de 10%. Em 2006, o país incrementou as vendas externas em 16% e as vendas mundiais cresceram 15%. (ORGANISATION..., 2008). O volume de comércio brasileiro atingiu nível histórico em 2007. Considerando o conteúdo tecnológico, o maior gerador do saldo comercial nesse ano é o conjunto composto de setores classificados como de baixa intensidade tecnológica seguido, em menor proporção, pelo de média-baixa.

Os preços internacionais ajudaram, sobremaneira, o crescimento das vendas externas brasileiras nos últimos dois anos. Os produtos básicos foram os maiores beneficiados com a alta de preços: em 2006, o índice de preços desses produtos subiu 9,4% e, no ano seguinte, 14,5%. Para essa categoria, o índice de *quantum* registrou aumento de 11,8% em 2007, contra 6,1% no ano anterior. Para as importações, o *quantum* continuou com movimento ascendente, porém com maior intensidade, o crescimento ficou em 22% em 2007 contra 16,1% em 2006. (FUNCEX, 2008)

Apesar do bom desempenho do comércio externo brasileiro nos anos recentes, a participação do país nas transações externas mundiais praticamente não se altera, saindo de 0,9% em 1995 para 1,1% em 2006; as compras permanecem em 1,0% da parcela mundial nesse mesmo período. (ORGANISATION..., 2008). Em 2000, o Brasil ocupava a vigésima oitava posição de importância, passando, em 2006, para a vigésima terceira.

Comparativamente à evolução recente do comércio exterior da China, o bom desempenho do comércio externo brasileiro pode não parecer tão significativo

nesse período. Aquele país cresceu suas vendas em média 25% ao ano entre 2000 e 2005 e suas compras em 24%. Em 2006, as vendas continuaram em ritmo acelerado, chegando a 27% de variação.

A participação da China no comércio mundial vem aumentando ano após ano, enquanto o Brasil mantém-se praticamente no mesmo patamar. As exportações chinesas, em 1995, não passavam de 3% do total mundial e as importações 2,6%. Em 2006, as vendas estavam em 8% e as compras em 6,4%. Esse desempenho fez com que esse país passasse da sétima posição no *ranking* dos principais exportadores mundiais em 2000 para a terceira em 2006, atrás apenas da Alemanha e dos Estados Unidos. Resultados ainda mais recentes apontam para a China já ocupando a segunda posição, atrás da Alemanha.

Neste contexto, pode-se afirmar que a trajetória do comércio externo brasileiro no período recente está fortemente relacionada com a expansão do comércio exterior da economia chinesa. Se, de um lado, o crescimento das exportações brasileiras tem-se apoiado, em certa medida, no incremento da demanda chinesa, de outro, as compras oriundas dessa origem respondem de maneira decisiva pelo aumento das importações totais efetuadas pela economia brasileira. Em 2007, a China respondeu por 10,3% da parcela do aumento das vendas totais brasileiras e 13% das compras. Nesse ano, as vendas brasileiras para esse país cresceram 27,9% e representaram 6,7% do total da pauta exportadora, enquanto as compras incrementaram 58% e totalizam 10,5% da pauta importadora. (BRASIL, 2008). De fato, o crescimento foi muito mais significativo para as importações no período de 2002-2007, o que resultou em inversão do resultado comercial entre os dois países, decrescente a partir de 2004 e negativo no último ano. Neste contexto, pode-se afirmar que a retração do saldo da balança comercial brasileira registrada em 2007 está associada, em certa medida, ao movimento ascendente de penetração das mercadorias chinesas na economia brasileira.

Em uma perspectiva setorial, constata-se que dois setores detêm a maior parcela do total exportado para a China: minérios, escórias e cinzas, que se tem mantido na primeira posição desde 2002, e sementes

e frutas oleaginosas. O primeiro registrou, entre 2002 e 2007, taxa média de crescimento anual na ordem de 45% e o segundo, 40%. Os dois somaram, em 2007, 62% do valor da pauta exportadora brasileira para esse destino e foram responsáveis por 2/3 do incremento das exportações para o país. Estes setores são muito significativos para as exportações da Região Nordeste, à medida que somam 40% do valor da pauta no último ano, destacando-se aqui as vendas efetuadas pelo Estado do Maranhão. Os dois setores contribuíram com 15% para o incremento ocorrido das vendas externas regionais de 2006 para 2007.

No contexto da expansão recente do comércio exterior da China, o artigo objetiva analisar as relações comerciais estabelecidas entre a Região Nordeste do Brasil e esse país no período 2002-2007 e qualificar o movimento do comércio em geral e das pautas exportadoras e importadoras em particular. O artigo está dividido em três seções, além da introdução, das notas metodológicas e das notas conclusivas. Na primeira, discute-se um quadro geral das relações comerciais estabelecidas entre China e Nordeste no período, na segunda, apresenta-se uma análise setorial e na terceira, uma avaliação das trocas intrassetoriais regionais tomando por base os Estados da Bahia, Ceará e Pernambuco.

2 – NOTAS METODOLÓGICAS

O período em análise diz respeito aos últimos cinco anos (2002 a 2007), mais precisamente o período que corresponde à expansão recente ocorrida no comércio exterior do país. Em um primeiro momento, expõe-se a evolução do comércio exterior Nordeste x China através do saldo simples da balança comercial: exportação e importação.

Para avaliar o comportamento das pautas de exportações e importações no período (2002-2007) evidenciado entre a China e a Região, a análise será desenvolvida a partir dos seguintes passos:

- Identificação dos principais setores exportadores pela ótica da competitividade revelada, caracterizada pelo indicador de coeficiente de especialização relativa ao Nordeste.

- Avaliação do comportamento setorial recente da Região (evolução das exportações e importações no período, pelo índice de valor).
- Identificação e qualificação de novos setores na pauta de exportações e importações regionais.
- Análise dos resultados da balança comercial, de indicadores de concentração setorial das exportações e importações e de comércio intrassetorial

O nível de concentração das exportações de uma economia é um importante norteador na análise da vulnerabilidade de seu comércio externo, tendo em vista que, quanto mais concentradas estiverem as exportações, em poucos setores e em poucos países de destino, mais a economia estará sujeita às flutuações de demanda, o que pode implicar mudanças bruscas nas suas receitas de exportação. Maior concentração na pauta exportadora de uma economia reduz as potencialidades de expansão do comércio e compromete o setor externo, uma vez que o desempenho fica associado a poucos setores e/ou poucos destinos. O grau de concentração está diretamente relacionado com a especialização da produção e os ganhos de escala.

Dois indicadores aplicados ao comércio bilateral com a China fornecem uma caracterização aprofundada dessas trocas. São eles: o grau de concentração das trocas do país e o nível do comércio intrassetorial.

O Coeficiente de Gini-Hirschman (IC) é o indicador mais utilizado para a análise de concentração setorial das exportações. Este índice é dado pelo somatório dos quadrados da participação de cada setor nas exportações/importações totais da Região. Quanto maior o grau de diversificação das exportações/importações, mais próximo de zero estará o índice. Utiliza-se o Coeficiente de Gini-Hirschman, expresso da seguinte forma:

$$IC = 100 \cdot \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_i}{X} \right)^2}$$

Onde X representa o total das exportações totais da Região e X_i o total das exportações do setor i. O valor do coeficiente de IC pode assumir grandezas de 0 a

100. Índice de Concentração Setorial (ICX) próximo de zero indica maior diversificação da pauta exportadora da economia observada, ou seja, maior número de setores e mais uniforme distribuição das vendas entre eles. O limite inferior do indicador de concentração de uma dada economia está diretamente relacionado com o número de setores que efetivamente exportam. ICX próximo de 100 corresponde a um forte grau de concentração, isto é, o comércio está concentrado em poucos setores. Isto expressa alta especialização da economia a qual tem seu desempenho externo vinculado a poucos setores, o que a torna muito vulnerável às oscilações da demanda. Existe correlação negativa entre o indicador de concentração e o nível de desenvolvimento da economia. O mesmo indicador usa-se para as importações – Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM); com ICM tendendo a 100, as compras estão concentradas em poucos setores, o que evidencia uma economia pouco dinâmica com baixo nível de consumo e produção pouco diversificada; de outro lado, o indicador tendendo a zero demonstra que a economia é bastante dinâmica na produção e no consumo. Aqui também se estabelece correlação negativa entre o indicador e o nível de desenvolvimento.

Em seguida, a ênfase da análise recai sobre a intensidade tecnológica dos setores que compõem as pautas de vendas/compras ao exterior dos Estados da Região. A qualificação das pautas de exportação estaduais pela intensidade tecnológica dos produtos exportados segue aquela desenvolvida pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que considera os gastos em Pesquisa & Desenvolvimento (P&D) em proporção à produção e ao valor adicionado de cada grupo setorial. Assim, são classificados como produtos de baixa, média-baixa, média-alta e alta intensidade tecnológica (para maiores detalhes ver OECD (2008)).

O comércio intrassetorial estabelecido entre duas economias é definido a partir das transações de exportações e importações efetuadas simultaneamente com produtos pertencentes ao mesmo setor. Por extensão, o comércio intersetorial expressa o intercâmbio estabelecido de produtos oriundos de setores diferentes no mesmo período entre duas economias. O comércio intersetorial reflete as

vantagens comparativas da economia analisada. Na estrutura de trocas, a economia que é abundante em capital é, por excelência, exportadora de artigos manufaturados intensivos em capital e importadora de bens intensivos em trabalho. De seu lado, o comércio intrassetorial não reflete as vantagens comparativas, e sim as economias de escala presentes em cada economia: estas podem jogar papel independente na troca internacional, com as empresas das duas economias transacionando bens diferenciados impulsionadas pela demanda. (KRUGMAN; OBSTFELD, 1995). O desenvolvimento e a convergência progressiva dos níveis de renda e da complexidade tecnológica conduzem às trocas intrassetoriais mais acentuadas comparativamente às trocas intersetoriais. Economias com níveis de desenvolvimento semelhantes tendem a efetuar trocas intrassetoriais mais intensas.

O indicador de comércio intrassetorial (IS) utilizado para estimar a intensidade das trocas de produtos do mesmo setor é o coeficiente Grubel-Lloyd (1975) e é apresentado como se segue:

$$IS = \left\{ 1 - \left[\frac{\sum |X_i - M_i|}{\sum (X_i + M_i)} \right] \right\} 100$$

Onde X_i representa as exportações do setor i e M_i as importações do setor i .

O IS fornece a medida do comércio intrassetorial para o conjunto do setor industrial e não do produto. Esse indicador varia de grandeza de 0 a 100. Um valor próximo de 100 expressa comércio intrassetorial muito elevado, o que significa que quase todo o comércio é intrassetorial e, neste caso, as vantagens comparativas não explicam as trocas. Estas estão associadas às economias de escala e ao grau de diferenciação dos produtos. Quando o indicador se aproxima de zero, fica evidenciado que as trocas se relacionam às fontes tradicionais de vantagens comparativas, isto é, à dotação de fatores. Vale ressaltar que esse indicador expressa o total das trocas ocorridas dentro do mesmo setor, seja o comércio de bens intermediários contra bens finais, como também trocas de produtos com variedade ou qualidade diferente. A qualificação das trocas verificadas no setor pode ser efetuada através da análise desagregada dos produtos que compõem cada um especificamente.

Para a abordagem do comércio intrassetorial, tomaram-se, por base, os Estados da Bahia, Ceará e Pernambuco e as transações comerciais efetuadas entre estes e a China. Os Estados escolhidos são os que regionalmente apresentam elementos suficientes para a análise proposta, tendo em vista que, nesses Estados, ocorrem exportações e importações de produtos do mesmo setor em todos os anos da série considerada. Primeiramente, procurou-se identificar as trocas dentro do mesmo capítulo (ou setores), ou seja, agrupadas a dois dígitos na classificação da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Nesta etapa, foram escolhidos em cada Estado, para uma análise mais específica, setores que possibilitassem identificar produtos finais e intermediários, assim como produtos semelhantes, com mesmo código (oito dígitos). Escolheram-se os setores pelas suas características de exportador e importador de produtos finais e intermediários, com diferentes variações de conteúdo tecnológico entre eles, o que possibilita confrontação bastante interessante para a análise a ser efetuada.

A intenção aqui é dar idéia da existência ou não de transação bilateral de partes e componentes contra produtos finais, assim como identificar as transações de produtos similares, caracterizando diferenciação horizontal, e de produtos verticalmente diferenciados. A distinção que se pode estabelecer no interior do comércio intrassetorial, através da diferenciação de variedade, será efetuada calculando os valores unitários das exportações e das importações dos mesmos produtos (mesmo código NCM). Se esses valores são próximos (distância menor que 15%), as diferenças de qualidade são supostamente consideradas baixas e o fluxo estudado corresponderá à diferenciação de variedade. Caso contrário, quando o mesmo produto é importado e exportado a preços muito distantes, a diferenciação será considerada de qualidade. (FONTAGNÉ; FREUDENBERG, 2001).

Os dados utilizados são do Ministério da Indústria e Comércio (MDIC), através do sistema Alice, e a denominação de setores (01 a 99) segue a metodologia da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) utilizada pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio.

3 – RELAÇÕES COMERCIAIS NORDESTE X CHINA: QUADRO GERAL DE ANÁLISE

O comércio exterior da Região Nordeste, no período 2003-2005, apresentou dinâmica muito mais forte em relação aos anos precedentes, sobretudo no que se refere às exportações. Nesses anos, as vendas regionais ao exterior incrementaram cerca de 30% ao ano, percentual muito acima do que vinha sendo registrado. As importações tomaram maior impulso a partir de 2004, quando cresceram em média 29% ao ano. Tendo em vista as vendas terem registrado aumento mais que proporcional às compras, o saldo da balança comercial negativo, desde 1996, torna-se positivo com trajetória ascendente a partir de 2003. No entanto, nos anos de 2006 e 2007, o crescimento das exportações é menos proporcional que o das importações, engendrando uma retração do saldo da balança comercial comparativamente aos anos imediatamente anteriores.

As trocas comerciais da Região Nordeste com a China também tomam impulso no período analisado, sendo responsável por grande parte do crescimento da corrente de comércio regional com o mundo. De fato, a partir de 2003, as vendas externas nordestinas para a China cresceram, em média, 68% ao ano e as compras registraram crescimento médio anual de 64%. A participação desse destino no comércio externo nordestino vem aumentando ano após ano, com importância cada vez maior dessas transações para a dinâmica das trocas externas da Região. Em 2007, a participação tanto das vendas como das compras externas nordestinas para a China é quatro vezes maior que aquela registrada em 2002.

A China ocupava, em 2002, a décima terceira posição no *ranking* dos principais compradores da Região, passando a ocupar o quarto lugar em 2007, com participação de 7%. Nesse ano, a Região Nordeste representou 8,5% das vendas externas realizadas pelo Brasil para esse destino, parcela próxima daquela registrada para as vendas externas totais regionais (8%).

Em termos estaduais, Bahia e Maranhão responderam, em 2007, por 96% do valor total exportado pela Região para aquele destino. Vale destacar que esses dois Estados são importantes produtores de *commodities*, setores em que a demanda

Tabela 1 – Nordeste - Evolução do Saldo da Balança Comercial (2002-2007) (US\$)

Ano	Mundo			China			X China/ X Mundo (%)	M China/ M Mundo (%)
	Exportações	Importações	Saldo	Exportações	Importações	Saldo		
2002	4.655.567.344	4.659.979.338	-4.411.994	78.888.572	75.701.235	3.187.337	1,69	1,62
2003	6.112.111.026	4.328.650.101	1.783.460.925	139.035.153	101.213.315	37.821.838	2,27	2,34
2004	8.043.625.054	5.510.521.497	2.533.103.557	207.147.366	208.126.039	-978.673	2,58	3,78
2005	10.561.140.558	6.307.781.601	4.253.358.957	482.866.522	287.363.579	195.502.943	4,57	4,56
2006	11.629.125.638	8.854.753.841	2.774.371.797	590.995.577	485.534.113	105.461.464	5,08	5,48
2007	13.086.243.050	11.789.667.519	1.296.575.531	937.624.381	860.049.389	77.574.992	7,16	7,29

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

chinesa está em forte expansão nos últimos anos. Por seu lado, 93% das compras da Região oriundas da China estão concentradas nos Estados da Bahia, Ceará, Pernambuco e Paraíba. Na Região, os três primeiros Estados são os que apresentam economias mais dinâmicas na produção e no consumo, o que justifica essa participação nas compras.

Tabela 2 – Estados nordestinos: Exportações e Importações da China (2007) (Participação)

Estados	Exportações	Importações
Alagoas	—	0,0234
Bahia	0,6093	0,4715
Ceará	0,0262	0,2182
Maranhão	0,3537	0,0266
Paraíba	0,0001	0,1019
Pernambuco	0,0066	0,1262
Piauí	0,0030	0,0150
Rio Grande do Norte	0,0020	0,0063
Sergipe	0,0001	0,0111
Nordeste	1,0000	1,0000
Nordeste/Brasil	0,0851	0,0671

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

As especificidades do comércio externo da Região com a China podem ser mais bem apreendidas através dos índices de concentração das vendas

e das compras, da análise setorial e do comércio intrasetorial.

O Índice de Concentração Setorial (ICX) das exportações para o mundo, em 2007, expressa um número próximo de vinte e dois e das importações (ICM) pouco abaixo de quarenta, o que equivale a dizer que há maior distribuição setorial das vendas do que das compras. Geralmente, o índice de concentração das exportações tende a ser mais elevado que o das importações, à medida que o comércio internacional leva a uma especialização da produção e uma diversificação do consumo. Tendo em vista o Nordeste ser uma Região pouco dinâmica economicamente, a situação se inverte.

Para a China, o índice de concentração das exportações, em 2007, é duas vezes maior que aquele registrado para o total das vendas externas regionais, enquanto a concentração das importações dessa origem é equivalente àquela das compras externas totais. As vendas para a China, ao longo desses anos, têm registrado movimentos cíclicos de desconcentração e reconcentração e as compras, o mesmo movimento no sentido inverso. Nesse aspecto, pode-se afirmar que as trocas da Região com esse país não têm trajetória definida, portanto, o peso dos setores nas referidas pautas é instável.

A concentração setorial expressa pelos indicadores acima pode ser referendada pela desagregação setorial. Apenas sete setores são responsáveis por 93% do valor total das vendas externas regionais para a China em

2007; participação ainda mais forte se comparada com os anos anteriores da série. Para as importações, o resultado é um pouco menos concentrado. O conjunto dos principais que compõem 92% do valor total da pauta de compras é formado por dezenove setores.

Tabela 3 – Nordeste: Índice de Concentração das Exportações e Importações e Importações (2002-2007)

Ano	Mundo		China	
	ICX	ICM	ICX	ICM
2002	22,71	36,50	50,68	32,11
2003	23,01	34,61	39,83	35,29
2004	22,30	36,35	38,77	44,15
2005	23,67	40,83	42,34	41,21
2006	22,43	40,11	44,35	40,40
2007	21,64	37,77	41,49	37,90

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

De seu lado, o Indicador de Comércio Intrasetorial (IS) da Região com o mundo sofreu alteração com a expansão do comércio regional nos últimos anos, porém, de forma instável. Nos dias atuais, o indicador está situado em torno de 40, o que revelaria uma configuração da corrente de comércio mais próxima à exploração por parte da Região das tradicionais vantagens comparativas, ou seja, à dotação de fatores. Para a China, as trocas são caracterizadas, fortemente, pelas transações intersetoriais. Em 2007, esse indicador chega a ser mais baixo do que aquele registrado em

2002, isto pode significar que a Região está vendendo para a China, sobretudo, bens pertencentes a setores tradicionais da economia regional. Ainda, aqui, a característica de instabilidade está presente no caminho percorrido por esse índice nos anos analisados.

Tabela 4 – Nordeste: Índice de Comércio Intrasetorial (2002-2007)

Ano	Mundo	China
2002	33,91	9,49
2003	41,65	16,29
2004	39,67	15,09
2005	42,55	11,11
2006	37,56	6,69

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

4 – AVALIAÇÃO SETORIAL DO COMÉRCIO REGIONAL COM A CHINA

A pauta exportadora da Região Nordeste para a China é composta fundamentalmente de setores tradicionais da pauta regional. Apenas seis setores são responsáveis por 91% do conjunto exportado para esse país em 2007. Dois deles representaram mais de 50% do valor total vendido para esse destino em 2005 e 2006: sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes etc. e pastas de madeira ou matérias fibrosas celulósicas etc. No último ano, assumem a liderança os setores de cobre e suas obras e minérios, escórias e cinzas. O primeiro vinha, nos últimos anos, assumindo posição no *ranking* dos setores exportadores para a

Tabela 5 – Nordeste: Principais Setores Exportadores de 2007 (2002-2007) (Participação)

NCM	Setores	2002	2003	2004	2005	2006	2007
74	Cobre e suas Obras	0,0049	0,0600	0,0435	0,0148	0,0566	0,2337
26	Minérios, Escórias e Cinzas	0,0000	0,0167	0,1799	0,1873	0,1920	0,2083
12	Sementes e Frutos Oleaginosos, Grãos, Sementes etc.	0,1985	0,1169	0,0992	0,2758	0,2841	0,2069
47	Pastas de Madeira ou Matérias Fibrosas Celulósicas etc.	0,4472	0,3203	0,2784	0,2341	0,2611	0,1460
29	Produtos Químicos Orgânicos	0,0715	0,1130	0,1359	0,0535	0,0539	0,0886
41	Peles, Exceto a Peleteria (Peles com Pêlo), e Couros	0,0380	0,0220	0,0458	0,0417	0,0432	0,0313
	Total	0,7600	0,6489	0,7827	0,8072	0,8908	0,9147

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

China de forma oscilante, no entanto, em 2007, sua participação teve ascensão vertiginosa; nesse ano, esse país responde por 23% do valor total das vendas externas regionais efetuadas desse setor pela Região. O setor minérios tem incrementado seu peso na pauta exportadora para a China de maneira sistemática; esse destino adquiriu, no último ano, 42% daquilo que é vendido ao exterior pela Região.

Os setores que formam, em 2007, o conjunto dos principais setores exportado¹ pela Região para a China registraram aumento de suas vendas entre 2002 e 2007, exceção para o setor de minérios, que só começou a ser vendido para esse destino em 2003. A partir de então, este não só cresce suas vendas como também se torna bastante representativo no conjunto exportado. Outros setores que ainda não têm importância relativa destacada podem

ser mencionados, tendo em vista o incremento de suas vendas registrado no período, apesar de se constatarem comportamentos irregulares. Neste conjunto estão: ferro fundido, ferro e aço; algodão; máquinas e aparelhos elétricos e materiais elétricos; frutas; calçados; e gorduras, para citar os que mais cresceram. (BRASIL, 2008).

A Região Nordeste vem comprando da China produtos de setores cada vez mais diversificados, contudo conservando forte concentração em alguns deles. Os setores de máquinas e aparelhos elétricos e reatores nucleares, caldeiras, máquinas etc. mecânicos, nos dois últimos anos da série analisada, já representam cerca de 50% do valor total importado pela Região e 55% do conjunto dos principais. A parcela complementar desse conjunto está distribuída nos 16 setores restantes.

Tabela 6 – Nordeste: Principais Setores Importadores de 2007 (2002-2007) (Participação)

NCM	Setores	2002	2003	2004	2005	2006	2007
85	Máquinas, Aparelhos e Materiais Elétricos, suas Partes etc	0,1508	0,1735	0,3938	0,3230	0,3060	0,2958
84	Reatores Nucleares, Caldeiras, Máquinas etc., Mecânicos	0,1199	0,1514	0,0974	0,2162	0,2416	0,2082
72	Ferro Fundido, Ferro e Aço	0,0001	0,0000	0,0010	0,0003	0,0176	0,0545
64	Calçados, Polainas e Artefatos Semelhantes, e suas Partes	0,0126	0,0010	0,0060	0,0103	0,0305	0,0384
29	Produtos Químicos Orgânicos	0,1709	0,1843	0,1015	0,0728	0,0403	0,0359
55	Fibras Sintéticas ou Artificiais, Descontínuas	0,0072	0,0036	0,0031	0,0089	0,0218	0,0338
40	Borracha e suas Obras	0,0032	0,0035	0,0063	0,0171	0,0346	0,0291
60	Tecidos de Malha	0,0035	0,0010	0,0000	0,0095	0,0138	0,0287
87	Veículos Automóveis, Tratores etc. suas Partes/ Acessórios	0,0352	0,0319	0,0261	0,0249	0,0259	0,0274
28	Produtos Químicos Inorgânicos etc.	0,1130	0,0982	0,0746	0,0653	0,0415	0,0269
31	Aubos ou Fertilizantes	0,0004	0,0011	0,0003	0,0003	0,0000	0,0242
54	Filamentos Sintéticos ou Artificiais	0,0636	0,1067	0,0637	0,0621	0,0311	0,0238
90	Instrumentos e Aparelhos de Óptica, Fotografia etc.	0,0343	0,0246	0,0172	0,0231	0,0346	0,0165
42	Obras de Couro, Artigos de Correeiro ou de Seleiro etc.	0,0175	0,0018	0,0024	0,0058	0,0091	0,0139
27	Combustíveis Minerais, Óleos Minerais etc. Ceras Minerais	0,1241	0,1191	0,0877	0,0532	0,0153	0,0136
62	Vestuário e Seus Acessórios, Exceto de Malha	0,0055	0,0014	0,0022	0,0094	0,0077	0,0135
73	Obras de Ferro Fundido, Ferro ou Aço	0,0179	0,0112	0,0087	0,0179	0,0307	0,0124
95	Brinquedos, Jogos, Artigos p/ Divertimento, Esportes etc.	0,0129	0,0073	0,0083	0,0087	0,0143	0,0122
	Total	0,8926	0,9215	0,9002	0,9287	0,9165	0,9089

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

¹ O conjunto dos principais setores é formado por aqueles que somam 90% do valor total da pauta.

Tabela 7 – Nordeste: Saldo da Balança Comercial com a China segundo a Intensidade Tecnológica

INTENSIDADE TECNOLÓGICA	2002	2003	2004	2005	2006	2007
ALTA (A)	-	-	-	-	(4.695,00)	(7.012,00)
MÉDIA-ALTA (MA)	(43.250.960,00)	(52.181.057,00)	(127.353.045,00)	(184.552.988,00)	(307.121.974,00)	(465.792.660,00)
MÉDIA-BAIXA (MB)	(3.695.992,00)	27.888.504,00	15.094.699,00	25.628.336,00	4.927.138,00	124.549.504,00
BAIXA (B)	50.464.924,00	62.269.773,00	111.367.390,00	354.875.980,00	408.532.293,00	421.035.498,00
SEM DEFINIÇÃO (S/D)	(347.938,00)	(342.410,00)	(166.935,00)	(518.658,00)	(907.198,00)	(2.297.618,00)

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

Todos os setores que, em 2007, compõem a pauta dos principais importadores da China registraram incremento no valor de suas aquisições pelo Nordeste no período considerado. Vale ressaltar alguns setores que, apesar de terem apresentado crescimento das importações, ainda não têm peso relativo que justifique suas inclusões nesse conjunto. Enumeram-se a seguir alguns deles cujos produtos podem ser concorrentes diretos de produtos produzidos localmente: obras de pedra, gesso, cimento, amianto, mica etc.; vestuário e seus acessórios, de malha; algodão; produtos diversos das indústrias químicas; alumínio e suas obras; outros artefatos têxteis confeccionados, móveis, mobiliário médico-cirúrgico, colchões etc.; vestuário e seus acessórios, exceto de malha; produtos cerâmicos.

As exportações regionais para a China são constituídas essencialmente de bens produzidos sob condições de baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Essas duas categorias correspondem a cerca de 90% do total do valor exportado pela Região para esse destino em 2007, com maior crescimento da participação do segmento de baixa intensidade entre 2002 e 2007. Sem dúvida, o resultado positivo, embora descendente, da balança comercial da Região tem sido sustentado pelos setores enquadrados nessas categorias. Em 2007, o saldo para a primeira categoria ficou em 124 milhões de dólares e, para a segunda, 421 milhões de dólares. A forte especialização regional tem sustentado a expansão das exportações de produtos que fazem parte dessas categorias de setores. O comportamento expansionista do mercado chinês impulsionou, certamente, as vendas nos segmentos próximos à agropecuária e à extração mineral, importantes na pauta regional. De seu lado, os

produtos classificados nas categorias de alta e média intensidade tecnológica apresentam resultado negativo ascendente nas trocas regionais com a China ao longo do período analisado. As compras dos produtos de média-alta intensidade têm crescido ano após ano em parcela muito mais que proporcional às vendas, forçando resultados desfavoráveis para a Região.

5 – BAHIA, CEARÁ E PERNAMBUCO: UMA CARACTERIZAÇÃO DO COMÉRCIO INTRASSETORIAL

A análise do comércio intrassetorial dos estados nordestinos é possível a partir da compatibilização de produtos pertencentes à mesma indústria. No período analisado, as trocas intrassetoriais se concentraram, sobretudo, nos Estados da Bahia, Ceará e Pernambuco.

O Estado da Bahia apresenta o maior volume de trocas intrassetórias com a China entre os Estados nordestinos investigados, refletindo a maior diversificação da estrutura industrial baiana. Em 2002, o comércio intrassetorial Bahia-China estava presente em onze capítulos, com maior intensidade no capítulo (29) produtos químicos orgânicos, (41) peles (exceto peleteria) e couros, (39) plásticos e suas obras e (84) reatores nucleares, máquinas, caldeiras, aparelhos, instrumentos mecânicos. Nos dois primeiros, constata-se predomínio das vendas sobre as trocas, enquanto nos dois últimos prevalecem muito mais as importações sobre as exportações. Vale salientar que esses setores apresentaram forte intensidade e estabilidade nas trocas entre 2002 e 2007.

Em 2007, as trocas de produtos pertencentes ao

Tabela 8 – Produtos do Capítulo 64 da NCM Comercializados entre Bahia e China (2002-2007)

Comércio	Produtos Finais						Produtos Intermediários					
	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2007	2006	2005	2004	2003	2002
Importação	6	4	4	2	0	0	3	3	0	1	0	0
Exportação	5	1	3	2	0	0	0	0	0	0	0	0
Comuns	2	1	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

mesmo setor ocorreram em vinte e um capítulos, o que revela a progressão dessa forma de comércio. Chama a atenção a forte corrente de comércio do setor (85), máquinas, aparelhos e materiais elétricos, suas partes etc., nos dois últimos anos da série. Em 2006, o Estado da Bahia exportou um item desse capítulo e importou duzentos e vinte e dois, enquanto, no último ano, foi vendido um e comprado duzentos e trinta e sete. Esse crescimento substancial das importações de máquinas reflete os fortes investimentos realizados no biênio 2006/2007 visando a ampliação e modernização da estrutura industrial baiana, seguindo a tendência nacional de incremento da formação bruta de capital.

Ademais, vale mencionar a ocorrência de trocas intrassetoriais nos setores intensivos em mão-de-obra (61) vestuário e seus acessórios de malha, (62) vestuário e seus acessórios, exceto de malha e (64) calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes, com forte predominância das importações. A apreciação cambial nos últimos anos tem desencadeado um movimento de substituição da produção local por importações, beneficiando significativamente as importações desses itens provenientes da China.

Apesar do aumento considerável do comércio intrassetorial, as trocas de produtos comuns não foram expressivas. No capítulo (64), constata-se a ocorrência

de cinco itens comuns na série investigada em função, sobretudo, do item outros calçados de borracha e plásticos, presente na pauta importadora e exportadora do setor entre 2004 e 2007.

Dos cinco produtos, quatro estão vinculados às trocas cruzadas de qualidade e apenas um com as trocas cruzadas de variedade. Vale destacar que a distância de valores na diferenciação pela qualidade é amplamente favorável às exportações.

Tabela 9 – Bahia x China: Produtos do capítulo 64 segundo a Diferença dos Valores Unitários de Exportação e Importação

Especificação	Produtos Finais		Produtos Intermediários	
	Valor X > M	Valor X < M	Valor X > M	Valor X < M
Produtos com Diferença de Valor Unitário $\leq 15\%$	0	1	0	0
Produtos com Diferença de Valor Unitário $> 15\%$	4	0	0	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

Já no capítulo (84), um único produto foi exportado para a China em 2007 contra um conjunto de cento e

Tabela 10 – Produtos do Capítulo 84 da NCM Comercializados entre Bahia e China (2002 - 2007)

Comércio	Produtos Finais						Produtos Intermediários					
	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2007	2006	2005	2004	2003	2002
Importação	68	66	45	43	11	6	74	66	49	75	46	38
Exportação	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	1	1
Comuns	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

quarenta e dois itens importados desse país. A existência de um item comum nesse setor também se verifica nos anos de 2005, 2004 e 2003. O valor exportado supera o importado nas quatro ocorrências de produtos comuns nesse capítulo, sendo o diferencial superior a 15% em três casos, o que caracteriza comércio cruzado pela qualidade.

Tabela 11 – Bahia X China: Produtos do Capítulo 84 segundo a Diferença dos Valores Unitários entre Exportação e Importação

Especificação	Produtos Finais		Produtos Intermediários	
	Valor X>M	Valor X<M	Valor X>M	Valor X<M
Produtos com Diferença de Valor Unitário $\leq 15\%$	0	0	1	0
Produtos com Diferença de Valor Unitário $> 15\%$	0	0	3	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

As trocas setoriais entre o Estado do Ceará e a China estavam presentes em sete capítulos em 2007 ante apenas dois em 2002. Os capítulos (39) plásticos e

suas obras, (64) calçados, polainas etc. e suas partes e (84) reatores nucleares, máquinas, caldeiras, aparelhos, instrumentos mecânicos. Nesses setores, constata-se forte predomínio das importações sobre as exportações.

No setor (84), o comércio intrassetorial ocorreu em dois anos do intervalo analisado. Em 2005, o Ceará vendeu quarenta e três itens e importou apenas um. No ano seguinte, o Estado continuou exportando um produto, por seu turno, enquanto as importações saltaram para setenta e um. Enquanto as importações alcançaram cento e trinta e um produtos em 2007, não se verificou exportação desse setor para a China. Vale destacar a inexistência de trocas de produtos comuns nesse capítulo.

Com relação aos capítulos intensivos em mão-de-obra, o comércio intrassetorial observa-se no setor (64) calçados, polainas e artefatos, crescimento expressivo das importações de produtos provenientes da China no período. Em 2002, o Estado vendeu apenas um produto desse capítulo para a China ante três comprados. Em 2007, o volume exportado passou para dois itens, enquanto as importações saltaram para nove. Dos cinco produtos comuns identificados no período 2002-2005, três estão vinculados às trocas intrassetoriais em diferenciação vertical (comércio de

Tabela 12 – Produtos do Capítulo 84 da NCM Comercializados entre Ceará e China (2002-2007)

Comércio	Produtos Finais						Produtos Intermediários					
	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2007	2006	2005	2004	2003	2002
Importação	57	17	9	0	0	0	74	54	34	0	0	0
Exportação	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
Comuns	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

Tabela 13 – Produtos do Capítulo 64 da NCM Comercializados entre Ceará e China (2002-2007)

Comércio	Produtos Finais						Produtos Intermediários					
	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2007	2006	2005	2004	2003	2002
Importação	9	7	4	5	3	3	4	1	0	1	0	0
Exportação	2	4	4	0	0	1	0	0	0	0	0	0
Comuns	1	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

qualidade) e dois, as trocas em diferenciação horizontal (comércio de variedade). Em apenas um caso, o valor unitário do produto importado é superior ao exportado.

Tabela 14 – Ceará X China: Produtos do Capítulo 64 segundo a Diferença dos Valores Unitários entre Exportação e Importação

Especificação	Produtos Finais		Produtos Intermediários	
	Valor X>M	Valor X<M	Valor X>M	Valor X<M
Produtos com Diferença de Valor Unitário $\leq 15\%$	1	1	0	0
Produtos com Diferença de Valor Unitário $> 15\%$	3	0	0	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

As trocas intrassetoriais de Pernambuco com a China revelam forte corrente no setor (85) máquinas, aparelhos e materiais elétricos e suas partes, em todos os anos da série analisada. Em 2002, Pernambuco vendeu dois itens desse setor para a China e, em 2007, as trocas estavam de quatro vendidos contra cento e cinquenta e um adquiridos, com movimentos ascendentes para as compra e estável para as vendas. Outros setores aparecem, nessas trocas, com baixa e eventual frequência nos anos considerados. São eles: (29) produtos químicos orgânicos, (39) plásticos e suas obras, (40) borracha e suas obras, (52) algodão, (61) vestuário e seus acessórios de malha e (70) vidro e suas obras, só para citar os mais significativos nesse tipo de transação. Todos estes, quando ocorridas trocas, registraram muito menos itens para as vendas do que para as compras.

Em 2007, o setor (85) pernambucano exportou para a China quatro produtos diferentes (um produto final e três intermediários) e importou 151 (79 finais e 72 intermediários). Para esse ano, nesse conjunto, há ocorrência de apenas um item comum nas pautas de exportação e de importação. Só há praticamente comércio em sentido único, pois a China domina completamente as transações bilaterais com Pernambuco tanto de bens intermediários como de bens finais no período.

Quanto ao comércio intrassetorial do capítulo (85), observa-se que somente oito produtos, para os anos analisados, estão associados ao comércio cruzado de qualidade (valores unitários superiores a 15%) e nenhum com o comércio cruzado de variedade (valores unitários inferiores a 15%). Todos os produtos finais ou intermediários comuns mostram distância de valores unitários favorável às exportações, o que pode denotar que existe qualidade diferenciada superior entre o que está sendo vendido e aquilo que está sendo comprado.

Tabela 16 – Pernambuco x China: Produtos do Capítulo (84) segundo a Diferença dos Valores Unitários entre Exportação e Importação

Especificação	Produtos Finais		Produtos Intermediários	
	Valor X>M	Valor X<M	Valor X>M	Valor X<M
Produtos com diferença de valor unitário $\leq 15\%$	0	0	0	0
Produtos com diferença de valor unitário $> 15\%$	5	0	2	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

Tabela 15 - Produtos do Capítulo (85) da NCN Comercializados entre Pernambuco e China (2002-2007)

Comércio	Produtos Finais						Produtos Intermediários					
	2007	2006	2005	2004	2003	2002	2007	2006	2005	2004	2003	2002
Importação	79	60	46	31	31	34	72	39	47	37	25	30
Exportação	1	1	1	1	2	1	3	2	3	2	3	1
Comuns	1	0	1	1	2	0	1	0	1	1	0	0

Fonte: Elaboração Própria dos Autores Baseada em Brasil (2008).

6 – NOTAS CONCLUSIVAS

A trajetória do comércio externo brasileiro no período recente está fortemente relacionada com a expansão do comércio exterior da economia chinesa. O forte crescimento da demanda chinesa está sendo decisivo para a expansão das exportações brasileiras. Já as importações provenientes dessa origem aumentaram de forma significativa sua participação nas importações totais realizadas pela economia brasileira.

Nesse contexto, o comércio entre a Região Nordeste e a China também tomam impulso nos últimos cinco anos, sendo responsável por grande parte do crescimento da corrente de comércio regional com o mundo.

Uma das particularidades desse comércio é o maior índice de concentração das exportações direcionadas para a China comparativamente ao índice registrado para o total das vendas regionais. Já a concentração das importações dessa origem equivale àquela das compras externas totais. Outra especificidade do comércio Nordeste-China está relacionado com o Indicador de Comércio Intrasetorial (IS) da Região com a China, o qual está fortemente caracterizado pelas transações intersetoriais.

No que se refere à avaliação setorial do comércio da Região Nordeste com a China, vale destacar o perfil da pauta exportadora composta fundamentalmente de setores tradicionais da pauta regional. Com relação às importações, constata-se que a Região Nordeste adquire da China produtos de setores cada vez mais diversificados, porém conservando forte concentração em alguns deles.

A intensidade tecnológica indica o predomínio dos produtos de baixa e média tecnologia no conjunto das exportações regionais direcionadas para a China. Por outro lado, chama a atenção o crescimento ano após ano das compras de produtos de alta e média-alta tecnologia desse país.

Analisando o comércio intrasetorial dos estados mais representativos da região com a China, o fluxo de comércio bilateral entre estes e a China é predominantemente intersetorial. Ainda sobre o comércio intrasetorial, observa-se o predomínio das transações ocorridas dentro do mesmo setor

em sentido único, ou seja, as trocas de produtos comuns não foram expressivas. Já a análise das trocas intrasetoriais em sentido duplo revela o maior peso do comércio de qualidade sobre o de variedade. Vale mencionar que a distância de valores na diferenciação pela qualidade é amplamente favorável às exportações.

ABSTRACT:

This paper proposes to examine the specificities of the commercial exchanges between China and the Brazilian Northeastern Region. In the context of a strong growth of China's participation in world trade, the trade flow between the Brazilian Northeastern Region and China presents a substantial increase. An analysis of the external trade of this Region and China, in the period 2002-2007, some interesting results were found. At first, it can be observed that China's exports, during this period, have presented some cyclical disconcentration and reconcentration movements and the sales have presented the same movements in the inverse direction. When the commercial exchanges are ranked according to their technological intensity, it is shown increasing trade deficits with China in the sector medium high technological content, while the Region presents surpluses in the sectors of medium low and low technological content. Finally, it can be perceived that the bilateral flow of trade between China and the Brazilian Northeastern Region predominantly favours intersectoral trade. With respect to intrasectoral exchanges, it predominates trade in one direction over double direction trade.

KEY WORDS:

Foreign trade. Brazilian Northeastern Region. China.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Indústria e Comércio. Disponível em: <www.mdic.gov.br>. Acesso em: abr./maio 2008.

FONTAGNÉ, L.; FREUDENBERG, M. **Intra-industry trade methodology issues reconsidered**. Paris: CEPII, 2001. (Document de Travail CEPII, n. 97-1).

FONTAGNÉ, L.; GAULIER, G.; ZIGNAGO, S. Specialization across varieties within products and

north-south competition. In: PANEL MEETING OF ECONOMIC POLICY, 45., 2007, Paris. **Anais...** Paris: CEPII, 2007. (Working PaperCEPII, 2007-6).

FONTENELE, A. M.; MELO, M. C. P. **Competitividade e potencial de expansão dos setores exportadores dos estados nordestinos**. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2007.

FUNCEX. Disponível em: <www.funcex.com.br>. Acesso em: abr./maio 2008.

GRUBEL, H. G.; LLOYD, P. J. **Intra-industry trade: the theory and measurement of international trade in differentiated products**. London: MacMillan Press, 1975.

IEDI. O comércio exterior em 2007. **Carta IEDI**, São Paulo, n. 309, maio 2008. Disponível em: <http://www.iedi.org.br/admin_ori/pdf/20080523_comex.pdf>. Acesso em: 2009.

_____. Indústria: produção e saldo comercial por intensidade tecnológica 2007. **Carta IEDI**, São Paulo, n. 304, 2008. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=printerview&inford=3447&1=46&sid=20>>. Acesso em: 2009.

KRUGMAN, P. R.; OBSTFELD, M. **Économie internationale**. Bruxelles: De Boeck & Larcier, 1995.

MELO, M. C. P. de. O Estado do Ceará no contexto da dinâmica recente do comércio exterior brasileiro. **Contextus Revista Contemporânea de Economia e Gestão**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 55-70, jul./dez. 2007a.

_____. Inserção internacional da Região Nordeste e a dinâmica do comércio exterior brasileiro nos anos recentes. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 38, n. 4, p. 583-601, out./dez. 2007b.

MOREIRA, C. A. L.; MELO, M. C. P. Comércio bilateral Brasil-Estados Unidos: uma qualificação das pautas de exportação e importação, **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 31, n. 3, p. 71-96, 2003.

_____. Comércio exterior brasileiro: uma análise das trocas regionais no âmbito do Mercosul. **Mercator – Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 61-77, 2002.

OCDE. **Science, technology and industry scoreboard 2001: towards a knowledge-based**

economy. Disponível em: <www.oecd.org>. Acesso em: 20 abr. 2008.

ORGANISATION MONDIALE DU COMMERCE. **Rapport annuel de l'OMC**. Disponível em: <www.wto.org>. Acesso em: 11 maio 2008.

Recebido para publicação em: 29.07.2008